

A FLUTUAÇÃO NO REGISTRO ORTOGRÁFICO DE PALAVRAS: marcas da heterogeneidade da produção enunciativa infantil

Cristiane Carneiro CAPRISTANO¹

Adriane Karine Mariano ANICIAS²

Eixo temático: 8. Alfabetização e modos de aprender e de ensinar

Resumo: Neste estudo, busca-se analisar flutuações no registro ortográfico de palavras, em enunciados escritos infantis produzidos no período de alfabetização. O objetivo é entender quais seriam as possíveis motivações para situações em que uma criança escreve uma mesma palavra, dentro de um mesmo enunciado, de formas divergentes. A análise sustenta-se teoricamente numa visão enunciativo-discursiva de escrita, à luz de proposições de Corrêa (2001, 2004, 2007), bem como em discussões sobre flutuação na escrita infantil, desenvolvidas por Chacon (2013). O material de análise é constituído por enunciados escritos de crianças do 1º e do 2º ano do ensino fundamental, de uma escola de Paranavaí/PR. Esses enunciados foram produzidos como parte das atividades escolares das crianças e foram examinados qualitativamente. Os resultados sinalizam que a flutuação no registro ortográfico de palavras decorre da atuação de diferentes fatores linguísticos que, por sua vez, emergem da circulação complexa da criança por práticas do oral/falado e do letrado/escrito que são (re) encenadas em sua enunciação escrita.

Palavras-chaves: escrita infantil; ortografia; heterogeneidade.

Introdução

De acordo com Chacon (2013), na análise de enunciados escritos infantis, é comum nos depararmos com instabilidades no registro ortográfico da escrita. Essa instabilidade se dá

¹Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP e Professora Associada da UEM (do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias e do Programa de Pós-Graduação em Letras). Contato: capristano1@yahoo.com.br

²Mestranda em Estudos Linguísticos pela UEM. Professora da Educação Básica do Estado do Paraná. Contato: adrianekma@educacao.paranavai.pr.gov.br

em diferentes dimensões, podendo aparecer no registro do léxico, da pontuação, na segmentação de palavras etc. O presente estudo, de caráter qualitativo e exploratório, centra-se nas flutuações no registro ortográfico de palavras. A proposta é entender quais seriam as possíveis motivações para as situações em que uma criança escreve uma mesma palavra, dentro de um mesmo enunciado, de formas divergentes, ou seja, registra palavras em acordo e/ou em desacordo com as convenções ortográficas que regem a produção escrita no Português Brasileiro (PB).

Com base em uma visão enunciativo-discursiva de escrita, a análise tem como hipótese de partida que flutuações no registro ortográfico de palavras, longe de serem evidências de meros equívocos ou de problemas ligados aos modos como se aprende/ensina a escrita, constituiriam marcas da complexa relação sujeito/linguagem e, ao mesmo tempo, do também complexo encontro entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, (re)encenado na produção enunciativa das crianças.

A fim de explorar essa hipótese, este artigo foi organizado em mais quatro seções, além desta Introdução. Na seção seguinte, são apresentados os fundamentos teóricos nos quais se sustentam as reflexões feitas sobre flutuações no registro ortográfico de palavras. Depois, faz-se uma descrição do material de análise, bem como uma breve caracterização metodológica do estudo. Na seção “Resultados e Discussão”, apresenta-se a análise qualitativa das flutuações, bem como se discute o que se supõe serem as possíveis motivações para a emergência dessas flutuações. O artigo é encerrado com considerações finais.

2 Fundamentação teórica

O entendimento das flutuações como resultado do entrelaçamento de práticas sócio-históricas se funda numa visão enunciativo-discursiva de escrita, como delineada por Corrêa (2001, 2004, 2007). Para esse pesquisador, a escrita, quando examinada não meramente como uma técnica, mas a partir da relação sujeito/linguagem, pode ser entendida como resultante do encontro (sempre inédito) entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito. Entendida desta forma, a escrita será sempre constitutivamente heterogênea, não devendo ser considerada (e avaliada) como um *produto*, condição a partir da qual importaria apenas e exclusivamente o seu material gráfico acabado, mas, sim, como *processo*. O escrevente e a sua escrita são, assim, indissociáveis e estão/são determinados pelas práticas do oral/falado e do letrado/escrito que os antecedem e com as quais eles dialogam.

Esse diálogo se consolidaria por meio do que Corrêa descreve como *imaginário sobre a escrita*, que seria “não só o produto das imagens socialmente construídas sobre ela (a

escrita), mas também o processo de sua construção no interior das mais diversas práticas sociais” (2004, p. XIX). Considerando as diversas práticas sociais das quais a criança faz parte e todas as formas de letramento às quais ela está exposta nessas práticas, sua escrita “passa a ser marcada pela diversidade linguística e histórica (...) e dependente das representações (...)” (CORRÊA, 2001) que ela própria faz, durante o processo de escrever, “sobre a sua escrita, sobre o outro, e sobre si mesmo[a]” (CORRÊA, 2001). Por meio desse jogo de representações imaginárias, no qual a criança transita por imagens sobre quem ela é como escrevente, para quem ela escreve e o que ela escreve, há um “encontro das práticas orais/faladas e letradas/escritas, onde a heterogeneidade é constituída” (CAPRISTANO, 2013, p. 674) que, neste estudo, supõe-se ser (re)encenado nos momentos nos quais se observa flutuações no registro ortográfico de palavras.

3 Metodologia

Os enunciados utilizados neste estudo foram produzidos por crianças com faixa etária de 7 a 8 anos, estudantes do 1º e do 2º ano do EF, e coletados em outubro de 2020, em uma escola da rede pública de Paranaíba/PR, por meio de uma rotina excepcional de trabalho escolar.

Em razão da pandemia, as aulas presenciais foram suspensas em março de 2020 e o município adotou o formato de aulas não presenciais, semelhante ao ocorrido em várias escolas públicas do país. Esse modelo de aula perdurou até o mês de outubro, quando o Comitê de Operação Emergencial (COE), por intermédio da Secretaria Municipal de Educação de Paranaíba, aprovou o atendimento presencial para um número reduzido de alunos por sala, seguindo as normas impostas pela Vigilância Sanitária. Eram atendidos, no máximo, cinco alunos por vez e a duração do atendimento não podia exceder duas horas. Nesse contexto, dez alunos dos 1º e 2º anos foram convidados a comparecer na escola em momentos distintos e foram nessas ocasiões que foram produzidos os enunciados aqui examinados.

Na proposta de produção que gerou esses enunciados, as crianças deveriam escrever sobre conhecidos contos infantis, utilizando como apoio imagens representativas das histórias e o seu próprio conhecimento sobre elas. Cada criança escreveu dois textos, em dois momentos distintos.

Dos 20 enunciados produzidos pelas crianças, foram selecionados seis, nos quais se observou a presença de flutuação no registro ortográfico de palavras: quatro de quatro diferentes crianças, dois de uma mesma criança. Considerou-se flutuações apenas os registros ortográficos distintos para uma mesma palavra, sem considerar a segmentação, ou

seja, não foram contabilizadas flutuações ligadas à alocação de espaços em branco (como em *chapelzinho X cha peuzinho*). Para uma discussão a esse respeito, conferir Chacon (2013).

Com o propósito de entender quais seriam as possíveis motivações para a flutuação, foi feita uma análise qualitativa. Nessa análise, foi assumida a organização teórico-metodológica proposta por Corrêa (2004) e as flutuações foram examinadas considerando “a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita” (2004, p. 10), a partir de três eixos.

O primeiro eixo, chamado de *gênese da escrita*, “refere-se aos momentos em que, ao apropriar-se da escrita, o escrevente tende a tomá-la como representação termo a termo da oralidade” (CORRÊA, 2004, p. 10). O segundo eixo, chamado *código escrito institucionalizado*, “deve ser entendido como a representação que ele (o escrevente) faz do institucionalizado para a (sua) escrita” (CORRÊA, 2004, p. 10)³. Por fim, o terceiro eixo, denominado *dialogia com o já falado/escrito e com o já ouvido-lido*, considerado como aquele que mobiliza os dois primeiros, ocorre quando “o escrevente põe-se em contato não só com tudo quanto teve de experiência oral, como também com a produção escrita em geral e com uma produção escrita particular” (CORRÊA, 2004, p. 11).

Essa organização teórico-metodológica serviu de parâmetro para a análise qualitativa das flutuações: no exame de cada uma delas, se observou se elas indicavam (ou não) o trânsito das crianças por esses eixos, sobretudo o primeiro e o segundo.

Convém sublinhar, por fim, que este estudo tem caráter exploratório e sua finalidade é a familiarização com o fenômeno investigado e a observação da congruência (ou não) da hipótese de partida e da metodologia adotada. As conclusões e os resultados a que se chega neste estudo, apresentados na seção seguinte, estão circunscritos pela própria natureza da proposta e servirão de base para pesquisas futuras.

4 Resultados e Discussão

Uma primeira observação a ser feita sobre os resultados se refere ao fato de ter sido possível observar flutuação em apenas 6 enunciados dos 20 inicialmente recolhidos. Esse resultado indica a necessidade de ampliar o universo investigado em pesquisas futuras sobre esse fenômeno, a fim de averiguar se a aparentemente baixa incidência de flutuação no registro ortográfico de palavras é uma particularidade desse conjunto de enunciados ou uma tendência geral.

Outro aspecto a ser considerado é a emergência de flutuação no registro ortográfico

³ É importante ressaltar aqui que a institucionalização do código não está restrita à visão escolar de escrita, mas também à todas as outras instituições sociais das quais o escrevente faz parte.

de palavras com maior incidência no 2º ano, contrariamente ao que se esperaria no senso comum. Dos 6 enunciados analisados, 4 foram elaborados por crianças do 2º ano e 2 por uma criança do 1º ano. Esse resultado permite questionar qual é o papel do tempo de escolarização para a emergência (ou não) de flutuações no registro ortográfico de palavras: o tempo de escolarização poderia nem sempre atuar de forma a adequar a escrita da criança às convenções que a regem? Esse resultado e o questionamento levantado por ele precisariam ser investigados mais amplamente, também a fim de verificar se são particulares a esse conjunto de enunciados ou uma tendência geral.

Feitas essas observações iniciais, na sequência, realiza-se a análise qualitativa de cada uma das flutuações identificadas. Veja-se, primeiramente, o Enunciado 1:

Figura 1: Chapeuzinho Vermelho

CHAPÉUSINHO VERMELHO
SUA MAMÃE FALA PARA ENTREGAR OS DOCEZ
PARA SUA VÓVÓ CECILIA PELO INHO VAI PELA
FLORESTA E APARECE UM LOBO CHAPEUSINHO
FALA QUE VAI ENTREGAR OS DOCEZ PARA
SUA VÓVÓ O LOBO COME A VÓVÓ E VESTE
A ROUPA DA VÓVÓ E CHAPEUSINHO BATE NA
PORTA E O LOBO DALA PODE ENTRAR
CHAPEUSINHO FALA QUE OLHOS GRANDE
O LOBO FALA E PARA VER MELHOR
E CHAPEUSINHO FALA QUE BOCA GRANDE
O LOBO FALA QUE VAI COMER ELA E
CHAPEUSINHO FALA SOCOERO O CASSADOR
CHEGA E BATE NO LOBO E SALVA VÓVÓ
FIM

Fonte: dados da pesquisa.

Esse enunciado foi produzido por uma criança do 2º ano. As palavras em destaque mostram flutuações no registro de *entregar*: ora com o grafema R, representando graficamente o fonema que marcaria o infinitivo verbal (segundo exemplo), ora sem esse grafema, registrando uma característica comum na pronúncia oral das formas verbais do infinitivo, em quase todas as variedades linguísticas do PB.

Nesses dois exemplos, vemos “diferentes formas de circulação do escrevente pelos modos de enunciação falado e escrito” (CAPRISTANO, 2010). No primeiro, vemos a criança circular pelo que Corrêa (2004) chama de “primeiro eixo”, ou seja, pela imagem da escrita em sua gênese, apostando na suposta “capacidade da escrita de representar integralmente o falado” (CORRÊA, 2004, p. 294). No segundo, por sua vez, vemos a criança circular pelo segundo eixo, guiada pela imagem do que supõe ser “o institucionalizado para sua escrita” (CORRÊA, 2004, p. 294).

A circulação por esses dois eixos, em um mesmo enunciado e no registro de uma mesma palavra, parece de fato indicar o entrelaçamento entre o falado e o escrito, ou seja, mostra que “o escrevente oscila entre a tentativa de representação de características fonético-fonológicas (...) detectadas em sua variedade linguística falada e a convenção ortográfica institucionalizada (...)” (CORRÊA, 2007, p. 01).

No Enunciado 2, também foram identificadas flutuações, quando uma criança do 1º ano produz um enunciado tendo como base o conto “O Patinho Feio”:

Figura 2: O patinho feio

O PATINHO FEIO
 ERA UM MAVEIS U PATINHO FEIO
 O PATINHO FEIO MORAVA NA FAZEDA
 LEETAREGETADO PELA MÃE E PELO
 IRMÃOS E PELO ANIMAI QUE MORAVÃO
 NA FAZEDA ELE FICAVAM MUITO SORINHO
 E UM DIA DESIDILSAIMD FAZEA
 E ELE ACHOU UM LAGO COM SINEI
 I ELE COMESOU AMORAR NELE

Fonte: dados da pesquisa.

As flutuações ocorrem no registro do determinante *o*, do conectivo *e* e da palavra *fazenda*. Nos dois primeiros casos, a escrita da criança mostra uma oscilação entre o uso dos grafemas U e O para o registro da vogal /u/ e uma oscilação entre o uso dos grafemas E e I para o registro da vogal /i/. Essas oscilações podem ser explicadas pelo trânsito da criança por características fonético-fonológicas (1º eixo) da língua e, concomitantemente, por aspectos das convenções ortográficas (2º eixo).

Os registros oscilantes da palavra *fazenda*, por sua vez, são motivados mais pela circulação da criança pelo primeiro eixo, uma vez que parecem constituir momentos nos quais a criança teria se deparado como um impasse (a complexidade do registro gráfico/ortográfico de sílabas complexas, do tipo CVC), na sua tentativa de representar integralmente a produção oral desse vocábulo.

Veja-se, a seguir, as flutuações identificadas no Enunciado 3, produzido por um aluno do 2º ano:

Figura 3: Os três porquinhos

ERA UMA VEZ TRÊZ POQUINHOS UM DIA SUA MÃE
MANDOU SEUS FILHOS IR MBORA DE CASA PORQUE ELES
TAVA GRANDES AI ELES FORÃO MBORA UM DELES
CONSTRU IL UMA CASA DE PALHA E OUTRO CONSTRU IL UMA
CASA DE MADEIRA E OUTRO CONSTRU IL UMA CASA DE
LATOTA DAI UM DIA O SEUS IRMÃO TAVAO BRINCANDO DAI
APARECEU UM LOBO DAI US DOIS CORERÃO DAI O LOBO
ASOPROU AI A PRIMEIRA CASA DERUBOU AI O LOBO
COREU PARA CASA DO IRMÃO AI O LOBO ASOPROU
E A CASA CAIU AI US DOIS PORQUINHO CORREU PARA
A CASA DO IRMÃO DA O LOBO ASOPROU ASOPROU E A
CASA NÃO DE RUBOU A CASA DA O LOBO CAIO CHAMA
TAVA A FEZA.

Fonte: dados da pesquisa.

A palavra “construiu” foi registrada três vezes e de duas formas diferentes: *constru il* (1º e 2º quadro) e *comstru il* (3º quadro) e a palavra *porquinhos* foi registrada duas vezes, de duas formas diferentes.

Na primeira flutuação, vemos a circulação da criança pela imagem do que supõe ser o institucionalizado para a sua escrita (CORRÊA, 2004, p. 294), uma vez que, nessa flutuação, está em jogo a complexidade das convenções ortográficas que regem a escrita do PB e a similaridade gráfica entre os grafemas M e N. Como se sabe, o registro da coda nasal, em sílabas complexas, pode ser feito, na escrita do PB, por meio dos grafemas M, N ou do til (~), como em *campo*, *canto* e *maçã*. Nesse enunciado, a oscilação entre M e N põe à mostra justamente a criança sendo afetada por essa complexidade. Além disso, é importante considerar também a similaridade gráfica entre os grafemas M e N. Na aquisição da escrita, é comum ver as crianças tendo dúvidas sobre quando escolher um ou outro desses grafemas.

Na flutuação entre *trez poquinhos* e *us dois porquinho*, dois fatos podem ser observados: (A) o encontro da criança com um ponto sensível da língua (a complexidade do registro gráfico/ortográfico de sílabas complexas, do tipo CVC), lugar que parece se mostrar como de maior complexidade fonético-fonológica para as crianças; e (B) o encontro da criança com diferentes possibilidades de registro da concordância de número: com a introdução ou não de um morfema plural nos elementos constituintes dos sintagmas nominais.

Veja-se, a seguir, as flutuações identificadas no Enunciado 4:

Figura 4: Os três porquinhos

OS TRÊS POR QUINHO
ERA UMA VEIS OS TRÊS POR QUINHO O PRIMEIRO POR QUINHO
COM TRUIL A CASA DE PALHA O SEGUNDO POR QUINHO COM TRUIL
A CASA DE MADEIRA O TERCERO POR QUINHO COM TRUIL A CASA
DE TIJOLOS O LOBO MAL A SOPROL A CASA DE PALHA
ELE A SOPROL A CASA DE MADEIRA ELE FOI A SOPRAR
A CASA DE TIJOLO DAI ELE A SOPROE A SOPROL MAIS NÃO
CAIU DAI ELE SOBIU NACHA MINE DAI ELE DE SEL
A CHAMINÉ E PEGOL FOGO NACALDA DELE.

Fonte: dados da pesquisa.

Nesse enunciado, produzido por uma criança do 2º ano, a palavra *assoprou* foi registrada quatro vezes: três vezes como *soprol/asoprol* e uma vez como *asopro*. No primeiro, no segundo e no quarto registro, a criança escreve a palavra *assoprou*, inserindo o grafema L. A inserção do grafema L, representando a semivogal /u/, não é esperada para esse vocábulo, mas pode ocorrer em outros contextos (como *abril*), fato que pode ter motivado o registro. Esse registro não convencional sinaliza a tentativa do escrevente de responder às convenções ortográficas institucionalizadas para a sua escrita. No terceiro, a palavra *assoprou* parece ter sido registrada a partir da pronúncia oral mais comum das formas verbais do pretérito perfeito do PB, pronúncia na qual ocorre a redução do ditongo *ou*. Trata-se, aqui, de um indício da tentativa da criança de representar características fonético-fonológicas detectadas em sua variedade linguística falada.

Veja-se, a seguir, flutuações identificadas no Enunciado 5:

Figura 5: O patinho feio

O PATINHO FEIO
ERA UMA VEIS O PATINHO FEIO FOI NADAR A MÃE FOI NADAR
COM OS O TRU FILINHOS O PATINHO FEIO CAIU MOLAGO
EU TRU A NIMAI FICAPÃO RINDO DO PATINHO FEIO
ELE FICO TRITI IELE INCOM O SINE IELE VIO QUE ELES
ERA IGAL ELE IELE FICO FELIZ.

Fonte: dados da pesquisa.

No Enunciado 5, de uma criança do 2º ano, há uma flutuação marcada por duas tentativas de registro das palavras *os* e *outros*, ora registradas como *os o tro*, ora, como *u tru*. Nessas flutuações, estão em jogo: (a) a oscilação entre o uso dos grafemas O e U, para representar o fonema /u/, em contextos átonos, em final de palavra; e (b) a redução do ditongo “ou”, na palavra “**outro**”, prevista em quase todas as variedades linguísticas faladas do PB. Mais uma vez, é possível reconhecer indícios das tentativas da criança ora de representar características fonético-fonológicas detectadas em sua variedade linguística falada (1º Eixo), ora de responder às convenções ortográficas institucionalizadas para a sua escrita (2º Eixo).

Veja-se, por fim, as flutuações identificadas no Enunciado 5:

Figura 6: Os três porquinhos

O TRÊS PORQUILS
E CRAUMA VEIS TRÊS PORQUILS CADA
PORQUILS FEIS UM CASA DE FERME
UMAFE UM LOBO COMESOL ASSOUBROU
A CASA DI UM PORQUILS E COREU
PARA CACA DO TE MIMÃO LOBO
ASSOUBROU CASA DO TEU MIMÃO
UM DOIS PORQUILS FORÃO COREDE
PARA A CASA DO TEU MIMÃO
U LOBO ASSOUBROU MAIS NÃO
COM SEGIL DERUBAR A CASA

Fonte: dados da pesquisa.

O enunciado 6 foi produzido por uma aluna do 1º ano. Nele, é possível ver flutuação no registro da palavra *vez*, registrada como *uma veis* e como *umafe[z]*. Nessas flutuações, se vê oscilação no registro do fonema consoantal /v/, ora com o grafema V (convencional), ora com o grafema F (não convencional) e oscilação na oposição entre o registro da coda (*veis*) e a ausência do registro da coda (*fe[z]*). No primeiro caso, a flutuação parece motivada pelas similaridades fonético-fonológicas das consoantes /f/ e /v/. No segundo, a flutuação emerge do encontro da criança com um ponto sensível da língua (a complexidade do registro gráfico/ortográfico de sílabas complexas, do tipo CVC), lugar de maior complexidade fonético-fonológica para as crianças.

Novamente, como nos demais casos aqui examinados, as flutuações demonstram o encontro, (re) encenado na enunciação escrita das crianças, entre as “informações linguísticas que circulam em práticas de letramento” (CHACON, 2013, p. 317), representadas

pelo eixo do *código escrito institucionalizado* e as “informações linguísticas que circulam em práticas de oralidade”(CHACON, 2013, p. 371-372), designadas pela *gênese da escrita*.

5 Considerações Finais

Este estudo teve caráter exploratório e sua finalidade foi a de familiarização com o fenômeno investigado e observação da congruência (ou não) da hipótese de partida e da metodologia eleita para análise. A análise desenvolvida permitiu, ainda que provisoriamente, confirmar nossa hipótese de partida; a metodologia, por sua vez, mostrou-se adequada para o conjunto de dados examinados. Os resultados da análise sinalizam para a necessidade de investigações mais abrangentes, com maior número de dados, que permitam averiguar se os resultados aqui apresentados podem de fato constituir uma tendência geral. Resta destacar que as reflexões feitas neste estudo também precisariam ser ampliadas no sentido de incluírem discussões sobre o impacto do estudo da flutuação no registro ortográfico de palavras para a compreensão dos modos de aprender e de ensinar a escrita.

Referências

- CAPRISTANO, C. C. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 35, p. 171-193, 2010.
- CAPRISTANO, C. C. Um entre outros: a emergência da rasura na aquisição da escrita. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 13, p. 667-694, 2013.
- CHACON, L. Flutuação na segmentação de palavras: relações entre constituintes prosódicos e convenções ortográficas na escrita infantil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, 15(2), p. 369-383, 2013.
- CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, p. 135-166, 2001.
- CORRÊA, M. L. G. **O Modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CORRÊA, M. L. G. Heterogeneidade da escrita: a novidade da adequação e a experiência do acontecimento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.8, p.269-286, 2007.